

Dólar e juros preocupam os países ricos em Washington

WASHINGTON — A força do dólar americano nos mercados internacionais de câmbio será o grande tema de abertura, hoje, dos debates do grupo dos países mais industrializados (o G-7), dentro da programação da assembléia anual conjunta do Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (Bird). A reunião dos ministros das Finanças e presidentes de bancos centrais dos EUA, Canadá, França, Alemanha Ocidental, Grã-Bretanha, Japão e Itália — aguardada com expectativa pelos países endividados do Terceiro Mundo —, buscará reforçar o pacto assumido na última cúpula econômica de Paris no sentido de manter o controle sobre as flutuações da taxa do dólar.

Duas principais posições deverão emergir durante os debates: a dos japoneses, que exigem uma redução das taxas de juros nos Estados Unidos para debilitar o dólar, e a do governo norte-americano, que é contra a política de juros

mais baixos, por considerá-la inflacionária. Ontem, o subsecretário do Tesouro americano, David Mulford, mostrou-se, entretanto, preocupado com a hipótese de uma alta ainda maior da cotação do dólar no Exterior. "Isso", afirmou, "poderá provocar efeitos negativos, a longo prazo, sobre a balança comercial dos EUA".

Alan Greenspan, o poderoso presidente do Federal Reserve, o BC norte-americano, e principal responsável pela política monetária do país, tem, no entanto, um ponto de vista diferente do da Casa Branca. Para ele, taxas altas de juros não são incompatíveis com crescimento econômico e, quando bem dosadas, podem impedir a aceleração de surtos inflacionários provocados pela aceleração da demanda interna. O *Wall Street Journal*, num extenso artigo sobre as previsões da reunião de hoje, disse que essa posição de Greenspan "justifica o pessimismo com que os observadores aguardam a nova rodada do G-7".